

TRIBUNA Livre

1
FEVEREIRO
1964

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A Assistência no nosso Concelho E O LEGADO DA SENHORA D. FILOMENA

Sem o propósito de melindrar, diminuir ou prejudicar, seja quem for, vamos hoje tratar um dos problemas mais angustiantes do Concelho, aquele que mais fere a sensibilidade da alma cristã, o que exige o auxílio, o carinho e o sacrifício de todos:

A Assistência no Concelho de Amares.

É a nós, homens válidos e responsáveis pela presente geração, que compete trabalhar, lutar e velar por uma verdadeira Assistência médica, hospitalar, da infância e na velhice, no nosso Concelho.

Somos nós quem temos a obrigação de velar pelo bem estar dum povo que sofre e morre precocemente, por falta de amparo suficiente que nada fez para merecer tamanho castigo e que pede contas àqueles que nada fizeram para suavizar o infortúnio da sua pobreza e aliviar o seu sofrimento.

É também uma vergonha para nós, verificamo-lo com mágoa e até com certa revolta, que somos talvez dos únicos concelhos do País, onde não há ainda uma creche, um asilo, ou um hospital e onde a Assistência é letra morta.

Problema da maior grandeza moral e espiritual, ele é no nosso concelho, a negação da própria civilização do século XX.

Temos de suprir criminosas faltas, a inércia e os erros do passado. Temos de recuperar algo do perdido e que é muito, mesmo muito.

A situação actual de assistência hospitalar no Concelho de Amares é tão crítica e de tal forma confrangedora e incerta, que só uma medida salvadora do Governo, promovendo a imediata construção do Hospital pode evitar tremendas consequências.

Os nossos pobres, por falta de assistência preventiva,

e de casas de Assistência para os receberem ou internarem quando velhos, doentes e sem aconchego familiar, são atirados para o hospital de Braga, para tudo e por tudo, por aqui não haver nada, desde o raio x à enfermaria e à sala de pequena cirurgia.

A falta de meios, de higiene e de condições particulares, aliadas à falta de tudo no concelho, como vinhamos

(Continua na 5.ª página)

JUNTAS E INTERESSES LOCAIS

As Juntas são, pelo Código e pelas suas atribuições, as representantes das freguesias.

A freguesia é, em geral, aquilo que é a sua Junta. De resto, é dos Canones que cada povo tem o Governo que merece.

Vem isto a propósito de uma Junta que, por entre encalhos e dificuldades, vem realizando uma obra digna de louvor, a Junta de Freguesia de Ferreiros, que o mesmo é dizer, a Junta que administra a parte Matriz da Vila.

Por entre incompreensões, intolerâncias e até prepotências, a sua atenção aos problemas locais, se lhe tem angariado contradições, tem, também, não tenhamos dúvida, tornado-a credora do maior respeito e estima dos locais.

Assim o demonstrou a Vila, ultimamente, quando chamada pelas eleições a dizer da sua vontade. E daí, como dantes, sempre por entre as mesmas dificuldades, a sua personalidade continua a mostrar-se e os interesses dos seus povos a seguir o melhor rumo.

No fim, quer queira quer não, só sobrevive ao esquecimento quem é claro e incisivo, o resto é poesia sem valor, ou valor efémero sem mérito.

A Concorrência de Gado na

FEIRA FRANCA

Realizou-se, no Domingo passado, a Feira Franca desta Vila.

Unanimemente se constatou que a frequência de gado foi muito inferior ao costume.

Dizem uns que tal se deve à falta de animais em virtude da crise que a agricultura atravessa. Dizem outros que se deve o facto à deficiente organização do certame, pela maneira como se faz a propaganda e se atribuem os prémios.

Nós vamos defender que há alguma razão no dizer de cada um, mas a menor é a dos que entendem dever ligar isto à crise da lavoura.

Haverá menos gado? Poderá ser, mas isso pouco poderia

contribuir para o caso porque o gado que ali se reúne é uma pequena parte do existente.

Há, isso sim, duas circunstâncias que pesam no caso. A primeira é a deficientíssima propaganda que se faz da Feira Franca, que a deixa no desconhecimento. A segunda é a maneira como são atribuídos os prémios, consentindo-se que comerciantes e compradores de gado de fora concorram arrebatando os prémios.

Os criadores locais convenceram-se que não vale a pena ir lá porque os prémios se sabe de antemão irem para fora e para certos concorrentes, daí o obsterem-se de concorrer.

Isto e a falta de carinho como se trata de tudo fazem o resto. Que não é falta de gado vê-se pelo grande número de turinas que há entre nós e que não apareceram.

A crise só pode ter tido influência na maneira como a Lavoura já não acredita em nada e desconfia de tudo.

Até quando?

A Redacção deste «Semanário» pede a fineza de todos os seus colaboradores que enviem as suas notícias ou artigos até à 4.ª feira.

A Redacção agradece;

Sobre a Revisão do Código Administrativo

II

DA AUTONOMIA

É sempre bonito defender uma maior autonomia por parecer que se estão a conceder maiores regalias. Mas é preciso distinguir a espécie de autonomia que se defende, não vá confundir-se na mesma palavra o que torna por vezes feições muito diferentes, por serem diferentes os caminhos que conduzem ao seu verdadeiro sentido.

Foi por via deste pensamento que aplaudimos a defesa feita em prol de uma maior autonomia das Câmaras Municipais na escolha das pessoas para os órgãos que a constituem, como reprovamos a defesa dessa autonomia no que refere aos problemas de obras e lançamento de Tributações.

No primeiro dos casos — escolha das pessoas para os diferentes cargos — defendemos a total autonomia por nos parecer que dela só advirão benefícios.

O Município só se entende como expressão da vontade dos povos do Concelho. A escolha dos seus homens só estará certa se se fizer com o maior número para que os es-

colhidos sejam os melhores. Tal como as coisas estão não acontece assim, e o seu órgão central, que é o Conselho Municipal, está longe de ser a expressão da vontade da maioria, especialmente da vontade dos mais responsáveis, pelos seus cargos e aptidões.

Falaremos em pormenor, neste caso, quando tratarmos da eleição dos diferentes órgãos.

Aqui, pois, a nossa defesa da autonomia.

Não pensemos assim quanto a obras e Tributações.

É que, na maior parte das vezes, as Câmaras não são governadas com a necessária independência e isenção, ou com o preciso senso.

Daí resultaria, se tudo lhes fosse colocado em mão, sem

(Continua na 5.ª página)

Depois de lerdes o «TRIBUNA LIVRE» oferecei-o a um filho da nossa linda terra que o não conheça.

A FRANÇA E A CHINA

Edgar Faure, que acaba de visitar a China mais ou menos como representante ou embaixador oficioso do Presidente De Gaulle, pensa — e disse-o numa entrevista de quase duas páginas, concedida ao «FIGARO» — que a França não deveria demorar-se em estabelecer relações diplomáticas com o Governo de Pequim.

Se o fizesse daqui a alguns meses, já com a campanha eleitoral para a Presidência aberta nos Estados Unidos, isso não deixaria, com certeza, de se reflectir na evolução da campanha, como um factor de perturbação. Mas, se o fizesse só depois das eleições norte-americanas, então a França arriscar-se-ia a que os Estados Unidos (subentenda-se: se os democratas vencerem) se antecipassem.

Admite, assim, Edgar Faure que os próprios Estados Unidos não estão longe do

dia em que venham a reconhecer o Governo de Pequim como Governo legítimo da China — e entende que um gesto da França, nesse mesmo sentido, terá por isso tanto mais valor quanto mais depressa se traduza numa realidade: é um argumento de incontestável e rigorosa lógica.

A China comunista parece que, de facto, sofre de uma espécie de complexo de isolamento, que a torna especialmente agressiva e pode vir a torná-la particularmente perigosa; tudo quanto seja, portanto, permitir ao Governo de Pequim o acesso a caminhos de maior convivência internacional é de algum modo contribuir — afirma Edgar Faure — para atenuar no que possam ter de nocivo para a paz mundial, os efeitos desse «complexo».

Não será, é claro, o estabe-

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA FEMININA

entre nós, mulheres...

A Moda Italiana já falou — mas sem palavras, evidentemente

A uma moda masculina, simples, direita, onde predominavam lembranças do «Robin dos Bosques» e dos cossacos russos, os costureiros italianos contra-põem, agora, uma outra, cheia de feminilidade e elegância, que ora nos recorda os tempos românticos de Chopin nos jabots com que ornaram a frente dos vestidos, ora nos trazem saudades dos anos de 25 a 30 nas fitas de setim com que guarnecem decotes e desenharam arabescos. As grandes botifarras, às goras de pele, aos enormes malões, aos cortes insexuados opõem as cinturas marcadas, os ombros arredondados, as saias levemente rodadas, as nuvens e nuvens de chiffon, os metros e metros de organza, as malas pequenas, as pinças e as pincinhas.

As cores da moda são frescas e juvenis. Aos brancos — do marfim ao gelo — e aos rosas — em centenas de tons, desde o morango-forte ao delicado rosa-creme — juntam-se o azul-celeste; todos os tons do verde — com um tom novo e originalíssimo: o verde hortelã; muitos castanhos, com predomínio do castanho-café; os amarelos ácidos; os tons de pêssego maduro e verde; o tom banana e, é claro, o preto.

A altura da bainha nos vestidos e casacos até à hora do acender das luzes ultrapassa — mas em muito pouco — o joelho. Para as elegâncias nocturnas desce até ao tornozelo, na mesmíssima altura do tão revolucionário «new-look» de Dior. Os vestidos, ou dispensam as mangas, ou querem-nas compridas, vendendo-se muito pouco a manga encurtada que há tantos anos se usava. Continuam a ver-se os tecidos de duas-faces e agora em lãs fininhas ou em sedas com um lado de tom liso e outro de fantasia, em cores forte-

mente contrastantes ou, pelo contrário, com semelhança de tons.

Continua a tendência já manifestada no «pronto a vestir» do «tailleur» clássico, imitando o «paletot» masculino. Geralmente em «twi» de estilo inglês ou nos clássicos «pied-de-poule» ou «Príncipe de Gales» pode variar-se a sua aparência, vestindo o casaco com saia de tom liso. O «tailleur» Chanel (a que se pode chamar com mais propriedade «duas peças») ainda se vê muito, debruado a galão de fantasia e, na maior parte das vezes, abotoado com alamares, «á oficial», feitos no mesmo galão.

O casaco comprido do género prático é ligeiramente cintado e pode confeccionar-se em duas cores. O de estilo elegante é quase sempre solto — e preso com um agrafe de pedras, um botão ou um laço junto ao pescoço. O primeiro é de lã e, quando de duas cores, combina os rosas, os castanhos ou os verdes. O segundo é sempre de cor diferente do vestido que acompanha e confecciona-se em seda lisa ou de fantasia, embora ainda apareçam uns quantos modelos com o casaco do mesmo tecido do vestido.

Os costureiros apresentaram inúmeros conjuntos de casaco branco e vestido colorido; casaco cor de café e vestido rosa ou verde; casaco verde-mar e vestido amarelo-limão, e outras combinações de tons — em boa verdade, um pouco estranhas para a nossa visão actual.

Os vestidos práticos são de estilo colegial, com goliinhas redondas ou de pontas em bico e lacinhas mais ou menos farfalhados. O tecido que prevalece neste género é a lã fininha. O vestido elegante é sempre vaporoso, com a saia levemente rodada e a cin-

tura ajustada, embora não ao ponto de apertar. A esta simplicidade junta-se tudo quanto significa «frangeluche»: os folhinhos, os panos soltos esvoaçantes, as «echarpes» transparentes, os laços, os empregados miúdos e os mais artificios de uma moda que quer dizer «mulher».

As carteiras são pequenas, muitas delas no estilo «duas em uma». Algumas guarnecem-se de tecido e as do género prático colocam-se ao ombro. Os sapatos continuam a ter saltos médios e, se não são da largura agulha, são, em todo o caso, muito mais largos do que os italianos da estação que está prestes a acabar.

Estes foram os principais tópicos da moda que os costureiros italianos (melhor diríamos «as costureiras», pois em Roma, na alta costura, predominam as mulheres) apresentaram e, segundo nos dizem, com um êxito brutal. Veremos agora o que Paris nos traz e o que de tudo isto se virá a usar na primavera e verão de 1964.

Lista para um copo-de-água

QUENTES:

Sopa de creme de galinha
Rissóis de marisco
Arroz à Valenciana
Bifes de vitela c/ cogumelos

FRIOS

Perú recheado
Lingua assada
Galantine de aves trufada
Lagosta ao natural
Carnes frias diversas
Lombo assado
Costeletas de frango
Sandwiches sortidas

BEBIDAS

Vinho de mesa branco
Espumante natural
Brandy
Cup etc. etc.

FEMININO JORNAL
DA MULHER PARA

MODA ACTUALIDADES

CINEMA HORÓSCOPO

CONSELHOS CULINÁRIA

REPORTAGENS

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
R. D. JOÃO IV, 904
TEL. 30796 * PORTO

culinária

tu, que vais casar

QUEQUE DE NOIVOS

Num tacho esmaltado deitam-se 250 grs. de açúcar, outro tanto de farinha de trigo, um cálice de vinho do Porto e outro de licor de amendoas. Juntam-se a isto 2 dl. de leite, uma colher de banha, outra de manteiga, 30 grs. de canela em pó, 5 gr. de fermento ou bicarbonato de sódio e 2 ovos inteiros. Bate-se esta mistura durante 20 minutos, adicionando depois 50 grs. de passas, 20 gr. de nozes partidas e igual peso de amendoas pisadas. deixa-se repousar durante duas horas e, passado este tempo, deita-se a massa em duas ou três formas redondas, de tamanhos diferentes, untadas de manteiga. Levam-se a forno brando e, depois de cozidos e desenhados, colam-se uns sobre os outros. Estando completamente frios, cobrem-se com «glacé» e enfeitam-se com contas prateadas. Não esquecer os noivos...

A «glacé» é feita com claras de ovo em castelo e açúcar (250 grs. por cada clara).

VEUS de NOIVA

2 chávenas de manteiga; id. de açúcar; outro tanto de amendoas torradas e partidas; 1 chávena de farinha flor.

Bate-se o açúcar e a manteiga, até ficarem em creme, e junta-se o resto. Estende-se a massa aos bocadinhos deitados num tabuleiro. Depois de fritos levantam-se com uma espátula.

OS VINHOS

O melhor aperitivo é o vinho do Porto branco com uma casca de limão. É superior ao vermute!

Com entradas (hors d'oeuvre) de carne ou de aves serve-se vinho tinto palhete; com peixes, crustáceos ou moluscos servem-se vinhos brancos. Se os peixes forem servidos em molho de manteiga ou molho branco, é preferível vinho adocicado. Sendo peixes gratinados, assados, guisado, de caldeirada ou em preparações bastante condimentadas, escolhe-se vinho branco seco. Com o assado, vinhos maduros ou verde, velhos. Para caça, vegetais, legumes e queijos, o mesmo.

Com os doces servem-se licores ou vinhos espumantes.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À A MODELAR

Telefone 6 2113

Amores

TRIBUNA do CONCELHO

CAIRES (29-I-64)

Sagrado Lausperene e Festa da Padroeira

Nos próximos dias 1 e 2 de Fevereiro, realiza-se em a Nossa Igreja Matriz de Caires, conjuntamente, estas duas festas soleníssimas do Sagrado Lausperene e festa litúrgica de Nossa Senhora. Padroeira desta freguesia. Há confesso preparatório. Os lugares costumam marcar a sua presença na totalidade. Anjos vestidos de branco costumam presidir às respectivas adorações, que tem os seus chefes, leitores, cantores e ajudantes. O sino baterá as horas durante o dia e a noite, convidando assim os habitantes dos diversos lugares a iniciarem os seus trabalhos. Cada habitante da freguesia é convidado a trabalhar apostolicamente e a agir em público, como se fosse um pontífice. Há sermões e a bênção das velas, antes das missas paroquiais.

Antes da bênção do SS.^{mo}, há a procissão teofórica, própria das grandes solenidades

1.ª publicação



Tribunal da Comarca

DE

AMARES ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de VINTE dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Maria Rosa Alves, viúva, Rosa da Conceição Alves, solteira; António Alves da Silva, solteiro, todos proprietários e residentes no lugar de Charil, freguesia de Vilela, desta comarca, e Elias José Pereira, solteiro, comerciante, residente na Rua Rodrigo Silva, n.º 10, Rio de Janeiro, Brasil; para no prazo de DEZ dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Maria da Glória Antunes, viúva, proprietária, António José Gonçalves Fernandes, casado, comerciante e mulher Maria de Fátima Antunes Ribeiro, proprietários, de Terreiro, S.ta Maria de Bouro, desta comarca.

Amares, 24 de Janeiro de 1964

O Escrivão,

Vitor Manuel Lopes Afonso

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,

Fernando Adelino Fabião

das 40 horas, bem como o cântico das ladainhas. Às 15 horas, há a solene bênção das crianças no colo de suas próprias Mães, como antigamente no Rito Judaico da Purificação. Todos irão implorar da Senhora, Luz, e protecção para a sua vida particular e pública. Ela, dando-nos o seu Jesus, na Hóstia Consagrada, que é a verdadeira Luz, que veio a este mundo, torna-se Mãe e Credora de todos os Seus Novos Filhos, gerados para a Vida Eterna.

Uma comissão de gentis meninas, a sorrirem para a vida, prepara as almas, os corações e as esmolas que é preciso angariar, para que nada falte — material e espiritualmente, para esta dupla festa: assim distribuídas por lugares:

Igreja — Mavilde Faria da Silva; Maria da Graça Dias e Maria de Jesus Pinheiro.

Monte de Baixo — Maria de Fátima Silva da Rocha.

Cal — Oinda Pereira Alves e Carmelinda da Assunção de Carvalho.

Soutelo — Maria do Sameiro Coelho Machado e Custódia Maria Martins.

Ribeira — Maria de Fátima Pinto Fernandes.

Penas — Adelaide Arantes Esteves e Lucinda Soares Alves.

Monte de Cima — Cecília Rodrigues; Delfina Elvira da Silva e Angelina Pinheiro da Silva.

Pousadas — Luzia da Costa Fernandes e Maria de Fátima da Silva Dias.

Lugar Novo — Olívia Fernandes Carvalhosa.

Cruz — Maria Joaquina da Costa e Aurora Arantes Pereira.

Outeiro — Maria Alice da Silva Pinheiro e Rosa Vieira da Rocha.

Sobreira — Delfina de Fátima da Silva Faria.

Veiga de Pena — Olívia da Soledade Almeida Brandão.

Freixeiro — Delfina de Jesus Brandão Ferreira; Maria Angelina Pereira e Alcinda Antunes.

Sobrado — Maria do Sameiro Antunes Vieira e Josefa Teixeira Vieira Fernandes.

Rios — Feltsmina Ferreira.

Portelinha — Albina Rosa de Carvalho.

Roupeiro — Maria Augusta Arantes Gonçalves e Maria Madalena Pinheiro Rodrigues.

Geira — Hortina do Sameiro Pimenta da Silva e Maria de Fátima Gonçalves Machado.

Requeixo — Teresa Maria Arantes da Silva.

S. Vicente — Maria Bernardina da Silva Fernandes e Marculina Dias Soares.

Tornadouro — Carminda de Jesus Fernandes Gonçalves.

Tribuna Livre, 2/2/1964

2.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL

DE

VILA VERDE

ANÚNCIO

No dia 14 de Fevereiro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na carta precatória vinda do Tribunal Judicial de Vila Real e extraída da execução de sentença que Luís Maria Fernandes Faceira, casado, proprietário, residente em Vila Real, move contra Altino Sampaio Figueira e mulher Maria Augusta Fernandes Faceira, residentes em Cabedo, Alijó, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos àqueles executados e sitos na freguesia de Dossãos, desta comarca:

A) — O direito e acção a uma quarta parte de terras do Passal, sitas no lugar da Igreja, lavradia e vinhedo, com água de rega e lima, formado por vários leirões e campos, a partir do nascente com Joaquim Barbosa e caminho da Igreja, sul herdeiros de Manuel Joaquim Pereira da Silva, norte caminho e poente ribeiro, descritos na Conservatória sob o N.º 8.216 e inscritos na matriz sob o art.º 713, que entra em praça por Esc. 24.406\$;

B) — O direito e acção a uma quarta parte da Bouça, no Tougueiro Alto, a partir do norte e poente com José Oliveira Soares, sul herdeiros de Joaquim Barbosa e nascente caminho, descrita na Conservatória sob o N.º 35.502 e inscrita na matriz sob o art. 207, o qual entra em praça por Esc. 696\$.

C) — O direito e acção a uma quarta parte na Bouça

Casinhado — Brazelina de Jesus Soares.

Castro — Augusta Arantes Brandão.

Paço Velho — Maria Filomena Ferreira Pinheiro.

Paço — Maria do Sameiro Almeida; Adélia de Jesus Almeida Vieira e Maria de Fátima da Silva Baptista.

Todos gostam imenso desta festa.

Pedimos aos filhos desta terra ausentes, a sua presença espiritual, o seu carinho, o seu amor, o seu sacrifício e as suas generosas esmolas. A Senhora Mãe Vos Pagará. Contamos Convosco e a Luz do Céu desça sobre todos Vós.

C.

Atenção a Lago

A senhora Mariana Alves Teixeira, residente há muitos anos no lugar do Paço na freguesia de Lago contou-nos o seu caso:

—Precisando de um ates-

do Cimo da Estrada, a partir do norte e poente com o rego. sul estrada, e nascente estrada e caminho, descrita na Conservatória sob o N.º 35.500 e inscrita na matriz sob o art.º 707, o qual entra em praça por Esc. 2.334\$;

D) — O direito e acção a uma quarta parte de uma leira de mato, na Bouça da Quelha, lugar do Borrelho, a partir do nascente e poente com Maria Madalena da Fonseca, norte caminho e sul Francisco da Igreja, descrita na Conservatória sob o N.º 9.327 e inscrita na matriz sob o art.º 14, o qual entra em praça por Esc. 720\$;

E) — O direito e acção a uma quarta parte de um prédio mixto, composto de casas térreas, canastro, eira, dois espigueiros, cortes, terra de cultivo e mato, no lugar da Igreja e Devesa, mesmo limite, a partir do nascente com caminho, poente estrada, norte estrada da Igreja e sul Francisco da Igreja, inscrito na matriz sob o art.º 110 urbano e 710 e 198 rústicos, o qual entra em praça por Esc. 4.608\$.

Vila Verde, 6 de Jan. de 1964.

O Escrivão de 2.ª Secção,

a) — António Monteiro

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

tado de residência, entreguei ao senhor Presidente da Junta no dia 8, o papel respectivo com o pedido de m'o passar, por favor o mais rápido possível. Passados 4 ou 5 dias procurei o atestado e o senhor Presidente informou-me que ainda não tinha tido vagar de m'o passar. Disse-lhe que o tempo já era suficiente e que quem tem tanto que fazer não devia *pedir esses lugares*. O senhor Presidente não gostou e disse-me que por causa disso — por causa da minha língua — não m'o passaria nesse dia: *nem hoje, nem amanhã*. Fui-me embora tendo voltado apenas ontem à noite. A resposta foi a mesma *que ainda não estava pronto*. Claro que fiquei aborrecida e que lhe disse o mesmo: que quem andou a pedir o lugar que era para fazer o que é necessário e se não queria trabalhar que não tivesse andado de porta em porta a pedir votos.

E a Sr. Mariana, concluiu: sabe, e agora não sei quando m'o passará.

Esta conversa tive-a hoje dia de feira. Não tinha ideia nenhuma de a transplantar para o Jornal, até porque não tinha confirmação. Mas á tarde encontrei um cavalheiro de Lago que interroguei sobre o assunto tendo este senhor dito falar-se por lá bastante no caso como ainda acrescentou:

— Olhe meu amigo o mal é que ele não sabe passar nenhum atestado.

J. Correia

P. S. — Sabemos que o atestado foi passado e que o senhor Presidente o assinou.

S. Paio de Seramil

Falecimento

Após breve doença, verificou-se nesta freguesia, a semana passada, dia 25, o da Sra. Maria Rosa Silva Miranda, considerada proprietária no lugar de Seramil de Baixo.

Com 92 anos de idade, era a mulher mais velha da freguesia.

Era viúva de António Maria da Silva, já há anos falecido; mãe do Sr. Domingos Maria da Silva, autor da Monografia de Amares, há muito casado e residente na Amadora e que aqui veio chamado pela triste notícia deste acontecimento; mãe igualmente de Francisca Teresa da Silva, casada e com ela residente em Seramil.

TRIBUNA LIVRE, apresenta à família enlutada sentidos pêsames.

Tribuna de TERRAS DE BOURO

Embora pareça maçador... mas não é...

Por
Manuel A. B. Marques

—Bons dias, amigo e compadrel... Isso é que é dar-lhe... heim?!... Nem olhas a chuva, nem a frio, nem a vento...

—Bons dias, Compadre!... bons olhos te vejam. Então o que foi que te trouxe por cá, nesta manhã tão áspera, em que só à braseira se estava bem?!... Negócios de azeitona não?...

Não há remédio se não aproveitá-la. Se a gente se descuida... perde-se toda.

Os criados... compadrel... e os jornaleiros...

—Qual azeitona, compadrel... nem quais jornaleiros!... ou criados!...

Sabes que mais, compadrel?!... não me fales nessa corja... Pensar na Lavoura... nos seus trabalhos... nos seus produtos... em toda essa classe de indivíduos a quem os trabalhos agrícolas têm de ser entregues?!... é o mesmo que pensar em despachar uma pessoa, em grande velocidade, para Barcelos... Mas... adiante... eu hoje não venho aqui para tratar nem pensar nesses assuntos. Esta minha viagem é caso de muito grave importância; e quero começar por te afirmar que venho bastante zangado contigo, compreendes?!...

—Ó Compadre!... pelo amor de Deus!... eu não posso compreender nada disso!... ou tu estás a brincar?!... Então zangado comigo?!... Porquê?

Ó compadrel... se te parece!... O que foi que nós combinamos, há dias, quando eu aqui estive, neste mesmo lugar, contigo?!...

—Alto lá, compadrel... e olha que eu, nunca mais descansei, nem de dia nem de noite. E, logo que tive conhecimento de que o negócio estava ao jeito... (e soube-o manhã cedo, ainda com as estrelas) peguei logo em papel e na pena e... toca a escrever-te uma carta e fui eu mesmo selá-la e deitá-la na saca do correio, em Vau, ontem de manhã, não fosse ela às vezes tomar des-caminho.

—O quê, compadrel?... Ora bolas!... ora bolas... agora já compreendi tudo!... Absolutamente tudo!...

Que desgraça... nos tempos em que vivemos... Ter que se habitar em Terras do Bouro!... ou ter que se tratar de assuntos ou negócios nesta Região!... principalmente se os assuntos tem de ser tratados por intermédio dos correios!...

Por mais que a gente apresente as suas queixas e razões... parece que todos

esses senhores só procuram limpar o fato... (mas nem com lixívia...) atirar com as responsabilidades para longe das costas... com o seu melhor modo e jeito e... todo o mal é nosso, Compadre!... e só nós é que nos aguentamos com os atrasos e prejuízos!... *E a verdade é que, esta desorientação e atraso que se está a verificar nos serviços dos CTT, há já alguns anos, entre Braga e Terras do Bouro e Terras do Bouro Braga, é um dos erros mais repugnantes e vergonhosos, neste género, passado no século XXI, e só denota, como tantos outros, não haver, dentro do nosso Concelho, quem se dê ao trabalho e ao cumprimento dum dever, chamando à pedra os que erram... pondo nos seus devidos lugares os interesses, as necessidades e as comunidades do nosso Povo!... Basta de tanta injustiça... de tanto desprezo!... de tanta miséria... de tanta vergonha...* (Repetir isto... embora pareça maçador... mas não é... há-de ser remédio que há-de produzir o seu devido efeito.)

Vê lá compadrel, tu escreveste e deitaste a carta na saca do correio, em Vau, ontem de manhã, como dizes (e eu acredito como se isso fosse feito por mim).

E eu, em grandes cuidados saí de Braga, hoje, para aqui, manhã cedo, porque não tinha recebido ainda a tua carta, nem qualquer outra notícia tua.

E, devido às irregularidades dos CTT, quanto é que eu vim gastar, compadrel...

É preciso ver que de Vau a Braga, como sabes, são vinte e dois quilómetros. E uma carta leva vinte e quatro horas (se tudo correr bem!... e com ela for a ajuda de Nossa Senhora da Boa Viagem!... a percorrer essa insignificante distância!!)

É caso para perguntar:—E quem toma a responsabilidade por todos esses atrasos e prejuízos causados, devidos, única e exclusivamente, a estas anomalias? Isto é uma vergonha, compadrel!... Isto não se pode tolerar por mais tempo!... Arrel!...

—Ó compadrel... há lá, nesta Terra, quem se interesse pelos interesses do nosso Povo!...

Olha lá... isto não será mesmo de propósito para nos fazer moer, arrelhar e amesquinhar, cada vez mais?! (Para longe vá o mau agouro... mas esta gente até parece que tem raça de caranguejos...) É para trás... para trás... para trás... (Deus Nosso Senhor me perdoe!... e só se faz pouco do desgraçado campóneol!... Ninguém

nos acodel!... ninguém olha por nós!... ninguém nos ampara!... ninguém nos tira desta lama intindável!...

—Isto continua a correr muito mal, compadrel!... e o Povo, aqui em Terras do Bouro, não pode aguentar estes erros, este pesadelo, por mais tempo. Nós já não estamos nessa época... nem o nosso Governo consente nisso. E a verdade é que o correio, desde que sofreu esta modificação inexplicável, tem causado atrasos e prejuízos sem conta!... E não há nada que possa justificar ou explicar tamanhas irregularidades cometidas.

Se nós, nesta linha de Terras de Bouro-Braga, não tivéssemos outra carreira, isto é, outro horário... ainda se poderia tolerar... mas, saindo, como sai, um carro de Terras de Bouro às 7,45h, para Braga, e um às 17h, de Braga para Terras de Bouro, qual a razão porque o correio não transita nos carros desses horários?

Foi dentro desses horários que os correios sempre transitaram, durante... eu sei lá... (quase me atrevia a dizer... desde que o mundo é mundo), uma infinidade de anos ou mesmo séculos; isto no tempo dos carros de cavalos, que partiam ainda de noite, de Covas para Braga; mas lá iam as sacas com o correio, e nunca se verificou tal anomalia. «E já dentro do regime das caminhetas, o correio continuou a chegar a Braga às 9 h, da manhã e a Terras do Bouro às 18 h... Porém agora... toda a gente se queixa... toda a gente está mal servida... toda a gente sofre (hoje ou amanhã) atrasos e prejuízos causados pelas irregularidades dos serviços dos C. T. T.

E então pergunta se:—De quem é a culpa?!... Interrogam-se funcionários e autoridades... discute-se o caso com o pessoal dos C. T. T., mas todos encolhem os ombros... todos adoram, com grande devoção, Nossa Senhora do... não te rales e... (dizia o avarento por que não queria ser submetido a uma intervenção cirúrgica) —«siga o enfierno»!... Porém eu, Compadre... (podia jurar-te pela felicidade dos meus...) é que não estou nas disposições de me aguentar calado, feito parvo e co-barde, e receber estes atrasos e prejuízos constantes, causados por defeitos que nunca diviam existir no meio da sociedade. E, se as coisas não tomarem, outro jeito... (ainda que cause maçador ou aborreça a alguém, com culpas no cartório...), eu mesmo, sem ser preciso consultar ou encomodar alguém,

saberei expôr e informar o venerando CHEFE, directamente».

—O quê, Compadre?!... Qual CHEFE?!... o dos Correios?...

Qual correios... nem qual carapuça, homem?!...

Directamente ao SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO, é que eu dirigir-me-ei. Esse é que se deve considerar, verdadeiramente, o supremo CHEFE de todos os Portugueses... mesmo daqueles mais distantes e abandonados!...

A gente expõe-lhe e informa-lhe as necessidades e os erros... e Ele, apesar de ser o principal Estadista do Mundo, agradece e... dá logo uma resposta. Não é como alguns senhores que, apanhando-se empoleirados... ninguém consegue falar-lhes.

Por isso, se as coisas não tomarem outro rumo... a minha resolução já está definida... como três e dois serem cinco!...

Este estado de coisas, dentro do nosso Concelho... contado, não se acredita... mas é tão verdadeiro, como aquele SOL que nos está a alumiar!... (e se alguém duvidar, que apareça, porque eu tomo a responsabilidade por todas as afirmações feitas e pelos actos que pratico).

O correio sai de Covas, todos os dias às 13,45 h. e... em chegando a Caldelas, (como parece que anda com aparelho digestivo muito avariado...) aí fica até às 17 h., para depois seguir para Braga, noutro carro... isto é, para ir pernoitar á cidade e, no dia seguinte, muito descansadamente, aparecer ao seu destinatário... Ora, como estamos em pleno século das velocidades... isto não causa grande admiração... mas chega a ser bestial!!!...

—Olha Compadre: enquanto o correio não voltar ao regime antigo... (a transitar para Braga no carro da manhã, e para Terras de Bouro no carro da noite... os atrasos, irregularidades e prejuízos, são sempre os mesmos, meu carol!...

—Lá isso é mesmo assim... sem espinhas... E a verdade é que não pode nem deve sair desse horário, embora o correio entre Braga e Terras de Bouro devesse de transitar também na outra carreira, em que transita actualmente; e então isso só seria uma resolução muito digna de louvor.

—Ó Compadre: já que estamos a falar de correios e carreiras entre Braga e Terras de Bouro, eu ainda gostaria de saber quem seria «o cara de asno» que concorreu para que acabasse a carreira das 8 h. da manhã, aos Domingos, de Terras de Bouro para Braga.

Que grande diferença tem

causado a falta dessa carreira!...

Uma pessoa quer ir ao Samedio, á Povoia de Varzim, etc., ou deseja ir visitar qualquer pessoa de Família, ao Domingo (porque é quando se tem mais vagar para essas coisas) e só a pé, aos Domingos, é que a gente pode viajar, nesta mísera Terra!...

Ai Compadre... Compadre... eu julgo que, no meio de tudo isto, deve andar mouro na costa... mas... não te parece?!...

—Pela certa... Compadre; mas... Deus super omnia!...

Tenhamos fé... e esperemos que os Homens se lembrem de nós, e resolvam, pelo menos, as nossas mais graves necessidades; e, por hoje, não gastemos mais tempo. O SOL já aquece regularmente. Continua com o teu trabalho, que eu vou novamente até á cidade. E, quando for preciso, escreve; mas previne-te uns oito dias em antes, para dares tempo que a correspondência chegue á cidade na ocasião precisa... E com esta me vou.

—Boa viagem, Compadre, e até á volta.

Monografia de Entre-Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Obra levada a cargo sem intuídos comerciais, ela é devida ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Vol—Monografia de Amares

II » » »

III — Mong. de T. de Bouro.

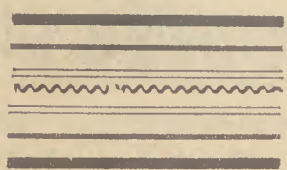
O seu custo é de 30\$00 cada volume.

Nenhum Amarense que se prese deve deixar de adquirir esta Obra que nos ensina a nossa história e dos nossos maiores de antanho, poetas, guerreiros e monges e dos seus castelos, santuários e vetustos monumentos, desde os primórdios da Nacionalidade.

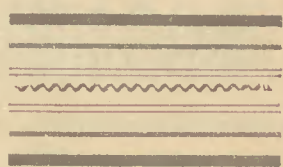
Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»



DESPORTOS



Sangue novo no futebol

Com um soltentador, a desmentir o que diz o calendário, que fala de Janeiro e lembra o que a invernia costuma ter de agreste, tem-se animado o Estádio Nacional, nos seus campos de treinos, com futebol do melhor, interpretado por gente nova.

São duas as selecções que treinam agora nos relvados do Vale do Jamor: militares e juniores, com Fernando Caiado a dirigir os primeiros e Fernando Cabrita encarregado dos segundos. E que regalo tem sido ver esta gente, toda com menos de 22 anos, a jogar a bola com a alegria própria da idade e com um nível técnico-tactico de verdadeiros profissionais...

Qualquer das duas categorias já proporcionou títulos internacionais. E este ano — a acreditar nas promessas que estes treinos estão a constituir — não se sairá nada mal o futebol português das andanças em que se vai meter.

Na selecção militar, avulta a série de futebolistas de primeiro plano, verdadeiro estendal de nomes que brilham em jogos da primeira divisão, nos clubes profissionais melhor cotados: basta dizer-se que uma das linhas constituídas contava apenas jogadores de clubes da primeira divisão: Rui — Pedro Gomes e Atraca — Jaime Graça, Rodrigues e José Carlos — Simões, Eusébio, Carlos Manuel, Pinto e Nóbrega. Com duas ou três modificações, seria uma verdadeira selecção nacional.

Nota-se, em especial, a formidável linha de médios e o não menos aliciante quinteto de avançados. Este, para mais, não está a deixar o seu crédito por mãos alheias e no primeiro treino, defrontando a equipa da CUF, que tem uma boa defesa e era acicatada pelo desejo de se impor à selecção, obteve cinco golos sem resposta, todos marcados pelo avançado-centro Carlos Manuel, concluindo jogadas de Eusébio, de Simões, de Nóbrega e de Pinto.

Parece, portanto, que com uma defesa coesa e um ataque realizador não haverá problemas nos dois jogos com o luxemburgo: a 12 de Fevereiro, em Lisboa, e a 26, se a neve deixar, no Luxemburgo — geralmente sobre invernia nessa altura do ano.

Quanto aos juniores, a ca-

racterística principal é a da juventude dos seus elementos. A avaliar pelo que se tem registado nos treinos já realizados, parece difícil deixar de convocar dois jogadores que têm quinze anos — ainda na categoria dos «princípios». Trata-se de Abrantes (guarda-redes de 1 metro e 75) e de Vieira (interior) — ambos do Benfica, a equiga-base da selecção.

Ambos são elementos titulares da equipa de juniores do seu clube e as provas dadas nos treinos não poderiam ser melhores. Se forem incluídos na selecção — como tudo parece indicar — abrirão um precedente: jamais se registou, nos jogos de juniores para provas internacionais, em qualquer equipa do mundo, a apresentação de jogadores de menos de dezasseis anos.

Outra característica dos treinos, tanto nos militares como nos juniores, é a abundância de jogadores convocados com nível sensivelmente igual. Este facto é índice de um rejuvenescimento geral do futebol — e só pode ser benéfico para o futebol português.

Pouco a pouco, nestes últimos três anos, têm sido afastados das equipas principais os «monstros sagrados». E é uma «nova vaga», com recursos técnicos idênticos aos dos antigos «chavões», a que ocupa agora os principais lugares nas equipas de primeiro plano.

E é certeza nossa que a selecção de militares, por exemplo, muito embora lhe falte a «experiência» (qualidade que muitos treinadores consideram indispensável nas suas equipas) poderá bater-se com êxito contra qualquer das turmas da Primeira Divisão, mesmo que essas equipas sejam de um Benfica, de um Sporting, de um Futebol Clube do Porto.

A juventude, no futebol português, é uma força que está a impôr-se.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Empatando em casa, Os Belenenses devem ter perdido as últimas possibilidades de conquistar o título de campeões nacionais de futebol

A surpresa da décima quinta jornada do campeonato nacional de futebol da primeira divisão foi o empate que os Belenenses cederam, em casa, à Cuf, resultado que os afasta mais dos outros «grandes» e deve ter-lhes cortado as aspirações ao título. Por sua vez, Benfica, Sporting e Porto venceram os respectivos adversários e mantêm os mesmos lugares, em luta cerrada de ainda imprevisível desfecho.

Os resultados da jornada foram os seguintes:

Benfica-Olhansense 8-1
Seixal-Sporting 1-3
Porto-Leixões 1-0
Guimarães-Lusitano 4-0
Belenenses-CUF 1-1
Barreirense-Varzim 1-2
Académica-V. Setúbal 2-0

A classificação ficou assim ordenada:

BENFICA	26
SPORTING	22
Porto	22
Guimarães	20
Belenenses	19
Setúbal	17
Académica	16
Cuf	15
VARZIM	15

Leixões	14
Lusitano	9
Seixal	7
Barreirense	6
OLHANENSE	2

Na próxima jornada a realizar no dia 2 — disputam-se os seguintes encontros:

Lusitano-Sporting
Varzim-Porto
Benfica-Seixal
Leixões-Belenenses
Setúbal-Barreirense
Olhansense-Académica
Cuf-Guimarães

Segunda Divisão

Os mesmos guias

Na luta pelos primeiros lugares, a jornada de ontem do campeonato nacional de futebol da segunda divisão — tendo proporcionado resultados diferentes aos dois guias: Vitória da Covilhã e derrota do Peniche — deixou-os, no entanto, ficar nos postos cimeiros das duas zonas em que o torneio se subdivide.

Os resultados foram os seguintes:

Zona Norte:

Famalicão 2 Braga 1
Boavista 0 Espinho 3
Leça 0 Salgueiros 0
Marinhense 1 Sanjoanense 0

Oliveirense 1 Beira-Mar 1
Feirense 1 Covilhã 4
Vianense 3 Vildemoinhos 1

Zona Sul:

Oriental 3 Peniche 0
Farense 1 Montijo 1
Alhandra 1 Atlético 2
Beja 2 Cova da Piedade 4
Torriense 1 Portimonense 2
Leões 3 Luso 3
Vila Real 2 Sacavenense 3
As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

Covilhã	24
BRAGA	21
Beira-Mar	20
Marinhense	19
Feirense	18
Salgueiros	16
Boavista	14
Leça	14
Oliveirense	14
Espinho	13
Sanjoanense	10
Famalicão	10
Vianense	10
Vildemoinhos	5

ZONA SUL

Peniche	21
Alhandra	19
Torriense	18
Oriental	18
Farense	16
Montijo	16
Atlético	16
Portimonense	16
Os Leões	14
Cova da Piedade	14
Beja	13
Luso	13
Sacavenense	9
Lusitano de Vila Real	8

LEIA E ASSINE O

Jornal Feminino

Campeonato Regional-Braga

2.ª Divisão

Riopele - 4 — F. C. Amares - 0

O primeiro jogo do campeonato não foi nada favorável aos nossos representantes. Não só por ser o Riopele um grande favorito ao título final, mas também por se encontrar com vários jogadores a cumprir castigos que lhes foram aplicados no último torneio.

Mesmo assim, a equipa bateu-se com denodo e em nada o resultado reflete o desenrolar do encontro.

Ao intervalo, justificava-se um empate a uma bola e não os 3-0 como estava, visto dois golos terem sido brindes da defesa. E como maior azar viu-se um remate de Sarmiento tabelar na parte interna do poste e no guarda-redes indo novamente ao poste, acabando depois por sair.

Resultado para esquecer e confiar no grupo que tem elementos para fazer óptima carreira.

O Amares alinhou com: Carriço, João, Catolino e Silva; Machado e Almendra; Martins, Barrosa, Zé Lúcio, Sarmiento e Santos.

Destacaram-se principalmente sem menosprezar os restantes, Machado, Martins e Sarmiento.

Tomé substituiu Carriço e cumpriu e Veloso entrou para extremo direito, derivando Martins para o lugar de Silva que saiu.

A arbitragem aceita-se, pecando um pouco por usar excessivamente o apito em faltas desnecessárias.